



ATLETAS INTERNACIONAIS

A servidora pública Soraya Avila, 57 anos, é tutora de dois verdadeiros cães atletas. Raja, uma schnauzer de 9 anos, e Joy, um pastor de Shetland, de 4 anos e meio, já passaram por seis países competindo agility profissionalmente e conquistando algumas vitórias. Em 2022, Joy foi campeão em uma competição na Noruega, e Raja conseguiu o terceiro lugar em um campeonato no Chile, em 2017.

A jornada de Soraya com o esporte começou em 2016, quando começou a treinar a schnauzer com o objetivo de proporcionar momentos de integração entre

as duas. “Eu achei interessante, porque é algo que podíamos fazer juntas e eu não queria que ela fosse apenas um cachorro de sofá, mas que tivesse uma vida ativa”, conta Soraya. Para a tutora, o agility é uma comunidade e a decisão de competir se deu porque por meio dos campeonatos é possível conhecer pessoas novas e viajar pelo mundo. “É até difícil dizer quais os benefícios de fazer o esporte, porque são inúmeros. O agility é um estilo de vida. Depois que você começa, não volta atrás, e você busca interagir cada vez mais com o seu cachorro e ensinar coisas novas para ele” relata.

Nathalia Cangussu, 35 anos, é servidora pública e aluna das aulas de agility. Tutora do border collie Noah, 2 anos, ela conta que decidiu ter um cachorro em 2021 e, desde o início, sabia que essa raça exigia muitas atividades físicas. Por isso, após pesquisar muito começou a praticar a modalidade, que hoje já é uma das suas atividades preferidas.

“É muito divertido e acaba sendo um exercício para mim também, porque tenho que acompanhá-lo no circuito. Acho que para ele é excelente, dá pra ver o tanto que ele gosta. A nossa conexão e o comportamento dele também melhoraram com o agility. Recomendo muito o esporte”, comenta Nathalia.

A dupla começou os treinamentos em 2022 de forma recreativa, mas, em junho deste ano, decidiram participar do 23º Campeonato Brasileiro de Agility, que ocorreu em São Paulo. Na competição, Noah conquistou o quarto lugar e terminou o percurso sem cometer nenhuma falta. “Para mim, foi um ótimo resultado, agora pretendo continuar nesse meio competitivo com ele porque foi realmente muito legal”, diz.

Outra tutora que é apaixonada pela modalidade é a engenheira Ana Beatriz Souza Valentin, 30 anos, dona do spitz alemão Lilo, 3 anos. Em 2020, ela decidiu ir morar com o namorado, Luís Felipe Pacheco, dono da dachshund (raça também conhecida como “salsicha”) Luna, 4, e começaram problemas de convivência entre os pets. Por isso, em 2021, o casal decidiu começar a fazer aulas de adestramento e descobriram que o agility era uma boa opção para gastar a energia dos cachorros.

“Fomos praticar com o intuito de fazer uma atividade física com eles, mas descobrimos que tem muitos outros benefícios como a questão da conexão e da comunicação. Tem sido uma experiência super positiva, e o comportamento deles melhorou bastante” relata Ana Beatriz.

Lilo e Luna também participaram de sua primeira competição em julho, organizada no espaço do Fantástico Mundo Cão. Na disputa, o spitz alemão conseguiu conquistar o primeiro lugar na categoria fraldinha (iniciante) e ganhou uma cesta de itens, brinquedos, comidas e petiscos como prêmio. “É engraçado porque claro que ele não tem consciência que ganhou uma competição, mas, pra gente, parecia que ele estava muito feliz por ter vencido”, brinca.

Para os tutores que tenham interesse em praticar o esporte, a professora Thais Rodrigues orienta que existe muito material sobre como fazer a modalidade na internet e que é interessante começar ensinando comandos básicos e fáceis ao cachorro, como distinguir direita e



Ana Beatriz, tutora do spitz alemão Lilo, e o namorado, Luís Felipe, dono da dachshund Luna

esquerda e pedir que ele identifique para onde vai. Além disso, é possível encontrar obstáculos de agility em praças e campos abertos públicos. “É possível fazer a modalidade sozinho, mas

sempre recomendo que procure a orientação de um profissional. Apesar de ter muita gente fazendo de maneira recreativa, ainda é um esporte e, por isso, oferece riscos”, orienta.